



# Os efeitos das mídias digitais na subjetividade dos adolescentes

M<sup>a</sup> da Glória S. Telles da Silva<sup>1</sup>

Quais os efeitos das mídias digitais<sup>2</sup> na subjetividade dos adolescentes? Como interferem e organizam – ou desorganizam – a vida desses sujeitos?

Absolutamente presentes na vida das pessoas em geral, e dos adolescentes em particular, seu uso é incrementado em tempos de isolamento social, promovido agora pela pandemia mundial.

Grande parte das queixas que chegam com os adolescentes – e digo assim, *com*, porque a queixa não é deles diretamente, mas dos familiares – está relacionada à interferência das mídias, como trazendo desconroles e efeitos negativos no modo do adolescente lidar com as exigências de seu tempo de vida.

Desinteresse pelos estudos e por quaisquer outras atividades é a queixa mais frequente. Falta de limites para ficar jogando, ou frequentar o *facebook* ou *whatsapp*, ou escutando música. Ou tudo isso simultaneamente. Perdem a rotina dos horários para alimentar-se, dormir, estudar. Toda hora é hora para acionar um desses dispositivos e desconectarem-se da realidade real. Os pais

---

<sup>1</sup> Membro da BSFreud – Espaço de Formação e interlocução em psicanálise. Trabalha no Serviço de Adolescentes do HNSC, GHC – Porto Alegre,RS, Brasil

<sup>2</sup> No sentido mais amplo, mídia digital pode ser definida como o conjunto de veículos e aparelhos de comunicação baseados em tecnologia digital, permitindo a distribuição ou comunicação digital das obras intelectuais escritas, sonoras ou visuais. Meios de origem eletrônica utilizados nas estratégias de comunicação das marcas com seus consumidores, geralmente chamada de mídia digital. Em geral, o termo refere-se a qualquer mídia que utiliza, como meio, um computador ou equipamento digital para criar, explorar, finalizar ou dar continuidade a um projeto que tem como suporte a internet, comunicação online ou offline, produções gráficas, videogames, conteúdos audiovisuais, etc.

têm dificuldades em colocar limites ao uso desses aparelhinhos, e essas atividades tomam conta de todo o fazer e do não-fazer dos adolescentes.

Os adolescentes, parafraseando o sociólogo polonês Zygmunt Bauman<sup>3</sup>, vivem em estado de *interregnum*<sup>4</sup>, ou seja, querem dispensar as certezas que tinham de seu tempo infantil, das formas de viver impostas pelos pais, mas ainda não sabem como vão substituir tudo isso. Eles querem uma nova forma de fazer as coisas, mas não sabem ainda onde buscar um novo saber para conquistar esse outro mundo.

Duas perguntas surgem, para mim, junto a esse contexto em que o mandato “Fique em casa” tornou-se a ordem do dia: será que o problema está nesses recursos oferecidos pela era tecnológica ou eles apenas fazem emergir e denunciar as dificuldades próprias a essa travessia da infância à vida adulta? E se, como penso, o problema está nesta última hipótese, de que modo esses produtos da sociedade contemporânea, ao invés de ocuparem o lugar de objetos e recursos facilitadores da vida, se tornam complicadores dos processos que cada um deve enfrentar no seu transcurso, agravados agora pela imposição autorizada de isolamento social?

Acredito que as questões que todos temos de nos deparar continuam as mesmas desde o início da humanidade e se condensam em três perguntas: De onde vim? Quem sou? Para onde vou?

A primeira contém todas as dificuldades próprias da nossa relação com os demais semelhantes, na medida em que somos seres que nascemos do sexo. A segunda, uma extensão da primeira, diz de todo o processo que atravessamos na busca de uma identificação e reconhecimento do desejo que nos faz estar na vida. E a terceira diz da potência que temos para produzir um futuro, interferir e modificar o que aí já está posto. Como podem perceber, essas três perguntas, nada fáceis de responder, se entrelaçam e perpassam toda nossa existência humana e estão postas a todo o momento e em cada etapa de nossas vidas, sem nunca termos uma resposta definitiva e acabada para elas.

O que é sempre novo são os recursos que dispomos, e o uso que dele fazemos, para tentar dar conta de construir uma resposta. Isso depende do contexto social, cultural e tecnológico à disposição de cada um, no tempo que está vivendo.

A era pós-moderna marcada pela constante modificação de tudo, carrega também o ideal, sempre estimulado, de alcançar o máximo de satisfação com o mínimo de esforço; de evitar tudo o que gera desprazer. Esse

---

<sup>3</sup> Zygmunt Bauman é sociólogo, nasceu no dia 19 de novembro de 1925, em Poznán, na Polônia. Serviu na Segunda Guerra Mundial pelo exército da União Soviética. Mora desde 1971 na Inglaterra.

<sup>4</sup> Do latim *interregnum*, *i* 'tempo decorrido entre a morte de um rei e a eleição de outro'; ver *reg(i)*- No sentido figurativo, refere-se a intervalo, interrupção momentânea, interlúdio (Houaiss)

ideal, herdeiro do positivismo comtiano, aposta na felicidade para o homem contando cada vez mais com os avanços da ciência.

A partir desse ideal científico, o mundo feliz seria aquele preenchido por signos e teorias mensuráveis e decifráveis. Toda a conquista positivista parece caminhar na direção de criar o homem-máquina, como o ideal da perfeição. Para os que acreditam nesse caminho, cunhado pelo avanço tecnológico, as falhas, as imperfeições humanas que geram medos, incertezas, que produzem perdas e insatisfações, seriam todas sanadas e corrigidas pela intervenção de alguma máquina ou produto farmacológico. Essa é a mensagem cada vez mais presente nos dias de hoje.

A ciência nos faz crer que os problemas emocionais do homem não são mais oriundos de conflitos das relações, mas causados por algum ponto do corpo orgânico, já identificado, ou ainda na espera de ser controlado e dominado pelo homem. Daí o entendimento de que os quadros depressivos são desajustes de componentes químicos do organismo, contornáveis com o uso certo de alguma medicação.

A tentativa é sempre de atribuir a infelicidade do homem a falhas de algum processo mensurável e, portanto, controlável. Eliminando-se as falhas, elimina-se o mal.

Se assim fosse, já não teríamos que estar vivendo em uma sociedade amplamente feliz, considerando a várias descobertas feitas e tratamentos aplicados dentro desse marco?

A pós-modernidade tem levado o homem a deixar de se perguntar sobre a origem do seu infortúnio. Nessa via, os sofrimentos e insatisfações deixam de ser responsabilidade das ações humanas, e, portanto, marca de sua subjetividade. Tudo tende a objetivação e a ficar reduzido à falta ou excesso de alguma substância no organismo, a algum gene que o torna depressivo, agressivo, desatento, hiperativo, etc.

Na introdução de seu livro *Por que a psicanálise?* Elisabeth Roudinesco comenta criticamente: *Cada paciente é tratado (pela ciência) como um ser anônimo, pertencente a uma totalidade orgânica. Imerso numa massa em que todos são criados à imagem de um clone, ele vê ser-lhe receitada a mesma gama de medicamentos, seja qual for o seu sintoma. Ao mesmo tempo, no entanto, busca outra saída para seu infortúnio. De um lado, entrega-se à medicina científica, e de outro, aspira a uma terapia que julga mais apropriada para o reconhecimento de sua identidade.*<sup>5</sup>

No entanto, temos visto ampliarem-se, a cada dia, as queixas do sem sentido da vida, do esvaziamento do desejo de viver, que levam a completar

---

<sup>5</sup> Roudinesco, E. *A derrota do sujeito*. In: *Por que a psicanálise?* <http://www.fronteiras.com/artigos/elisabeth-roudinesco-a-derrota-do-sujeito>.

esse vazio e a falta de sentido com o consumo de objetos que só fazem ampliar ainda mais essa impotência de *nada saber do que deseja*.

Se há algum dano que esse ideal pós-moderno pode trazer no seu rastro, é a confusão de tomar o geral pelo particular.

E no momento em que foi-nos apresentado um inimigo global, que ameaça a toda a humanidade, impondo ainda mais um isolamento do outro, logo, de todas as questões que o enfrentamento com as respostas que esse *estar com os outros* pode desencadear, não se produzirá um retrocesso e um adiamento deste processo de construção de uma vida pautada pela singularidade de seu desejo?

O ideal pós-moderno faz supor que todas as possibilidades estão postas, contribuindo para diluir os limites entre a vida social e a vida emocional. Surge, nesse bojo, uma tendência a negar o que constitui a marca do ser humano: sua estrutura eminentemente desejante, que conta com uma força motivadora interna e leva cada um a desejar coisas distintas uns dos outros, a ter gostos particulares, a sofrer e se emocionar, e, fundamentalmente, a ter sonhos. A força que escapa ao nosso controle, e por isso não reconhecemos seus efeitos claramente, é o que na psicanálise reconhecemos como o inconsciente.

É esse inconsciente o que nos faz lidar sempre com a pergunta sobre o que cada um desconhece e ignora de sua própria história. E a busca de resposta a essa pergunta nos leva a contar com os outros e, assim, construímos nossa vida.

E qual a relação das mídias digitais com tudo isso?

Ensaio aqui algumas hipóteses.

As mídias digitais alteraram significativamente o modo de relação com nosso semelhante. No momento em que as conquistas tecnológicas diminuíram as distâncias e praticamente eliminaram o tempo e a distancia que nos separam da palavra ou da imagem do outro, ampliaram de tal forma o mundo que se perdeu a noção e o limite entre o que é próprio à vida íntima e o que pode ser socializado. A necessidade de não se sentir só ou rechaçado pelo outro, leva a crença de que absolutamente tudo é passível de ser socializado, mesmo sem haver a pergunta se o outro quer ou não tomar parte dessa partilha.

Junto com isso veio outra consequência, um tanto funesta: o apagamento dos intervalos. Vive-se eliminando os intervalos, como se esperar fosse ‘perda de tempo’. É como se tudo pudesse acontecer simultaneamente.

Pensem, então, qual é a importância dos intervalos?

É no intervalo, frente ao vazio, frente ao silêncio do outro, que pode haver espaço para a pergunta de cada um sobre o que quer.

O intervalo de tempo e espaço é onde pode acontecer o encontro com a pergunta *o que quero?*

Para onde vamos, ao se incentivar na nova geração a cultura do imediatismo, da não-espera, da intolerância a não ter respostas para tudo?

E por que a tentativa de apagamento desse intervalo mostra uma força compulsiva na vida das pessoas?

Talvez porque essa elisão do intervalo esteja associada ao apagamento da angústia, da angústia que invade os adolescentes quando se deparam com um tempo de espera, um tempo de não saber a resposta do que está por vir. Assim, eles supõem que o motor da angústia esteja no tempo de espera, no intervalo, e não ligada a sua pergunta sobre posição a conquistar: o que vou ser? Sobre sua escolha profissional: o que vou fazer? Sobre como vai caminhar na vida prescindindo dos pais: quem é o outro com quem eu tenho que interagir?

Nenhuma dessas perguntas, que estão na ordem da possibilidade de reconhecimento do desejo, se alcança responder imediatamente, nem por ele mesmo, nem por outro.

Frente à angústia de não ter essas respostas, o que fazer?

O que fazer quando se está vivendo dentro de um grande intervalo que só acumula perguntas, sem confiança nas respostas?

Neste momento, em que mais se precisa aproximar do outro, as mídias digitais podem tornar-se, ou *uma armadilha*<sup>6</sup>, como diz Bauman, ou uma tábua de salvação. Como vilãs, podem ser responsabilizadas pelas dificuldades próprias a esse tempo de vida?

Os jovens vivem saltando de mídia em mídia para procrastinar o momento de decidir, porque não sabem o que decidir; não querem correr os riscos e decidir mal, então não decidem nada. *Nem sequer há que tomar a decisão heróica de ver um programa ou outro: podem ver os dois ao mesmo tempo*, comenta Haydée Heinrich<sup>7</sup>, no seu texto *Zapping*, onde explora esse tema do apagamento do desejo. A abolição do intervalo, nesse momento da adolescência, pode produzir atuações.

Ao refugiarem-se no mundo virtual, onde tudo parece estar pronto e já respondido, os adolescentes esvaziam e retardam a possibilidade de formular uma pergunta própria frente às suas inquietações.

Conectados em redes, alguns adolescentes partilham o isolamento e navegam num mundo de pura ficção, solitários no seu imaginário, compartilhando textos e imagens que dão a impressão de estar com os outros.

---

<sup>6</sup> [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)

<sup>7</sup> Heinrich, H. *Zapping*. In: *Bordes...un límite en la formalización*. Rosario (Argentina), Homo Sapiens Ediciones, 1995.

A solidão fica encoberta por palavras como: seguidores, amigos, *emotions*, *hachtags*, enfim, uma proliferação de imagens e mensagens que preenchem um imenso vazio.

Para a psicanalista Guilhermina Dias<sup>8</sup>, *um sujeito que não arrisca nada, não está ali como sujeito, senão como operador de máquina. E uma máquina pode satisfazer uma necessidade, contribuir para a realização de uma fantasia, mas é incapaz de dialogar amorosamente. Só no encontro com os outros se produz o encontro com o que ignoramos. E isso faz cair uma ilusão: não só não se sabe o que quer o outro, se não que fundamentalmente cada um estará exilado de seu próprio saber.*

É muito importante ajudar aos adolescentes a enfrentar-se com esta pergunta, esse enigma que sempre nos ronda e nos inquieta: *quem sou eu para o outro?*

Há alguns tempo, para se fazer reconhecer, os adolescentes recorriam a estilos próprios de falar, vestir, desenvolviam alguma habilidade que lhes dessem destaque entre os demais. Hoje, isto passa pelo consumo dessa enxurrada de objetos *prêt-à-porter* que compõem padrões e imagens estandardizadas como fonte para se identificar quem é o outro, mas que só fazem aumentar ainda mais o desconhecimento de si e deste com quem se está conectado. O mundo virtual, por propiciar uma atmosfera de ‘intimidade à distância’, dá a sensação de proximidade com o outro, elidindo o desconforto que o encontro com o real do corpo do outro (e o seu próprio) tende a promover.

A verdadeira relação com o outro traz no seu cerne o deparar-se com os limites, com reconhecer o que não se sabe, o diferente, o desconhecido, este outro que sempre nos colocará frente as frustrações e as decepções; traz exigências e produz sentimentos que não são apenas de prazer e satisfação. Daí o pavor e a intensidade com que, muitas vezes, se desvia desse enfrentamento.

Quanto mais o adolescente ficar pulverizado nas propostas coletivas modernas dos grupos, ingressando nas redes em busca de afirmar uma identidade, mais se esvai a possibilidade de reconhecer-se em sua singular subjetividade.

Cito Z. Bauman novamente: *Nas redes sociais é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Estas são desenvolvidas nas ruas, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí tem que enfrentar as dificuldades de se envolver com um diálogo. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é*

---

<sup>8</sup> Diaz, G. *A iniciación sexual en los tiempos de la informática*. In: El tren de los Adolescentes. Editorial Lumen Humanitas, Buenos Aires, Argentina , 1998.

*muito fácil evitar a controvérsia. Muita gente as usa não para unir, não para ampliar horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que vêem são os reflexos de suas próprias caras.*<sup>9</sup>

Muitos jovens hoje estão vivendo num círculo vicioso, sempre a demandar algo novo e de forma imediata, como tentativa desesperada de seguir produzindo este intervalo abolido que pode lhe devolver o acesso efetivo ao outro.

O difícil é fazer o adolescente reconhecer que, tal como o marinheiro solitário, perdido no alto mar e cercado da imensidão do oceano, se quiser sobreviver deverá suportar a solidão, o sol e a sede, pois se ceder à tentação de beber essa água que o cerca, a morte é certa.

Neste momento, este mar é a Pandemia e precisaremos suportar o tempo de espera e encontrar bolhas de ar para sair do isolamento social, já que é apenas no encontro com o outro que podemos ter acesso ao que verdadeiramente somos. Não podemos esquecer que o homem se insere na vida pelo desejo e pela palavra do Outro que o constitui. Nesse processo de dar vida a alguém, não há máquina que substitua o feito humano de transmitir e ser tocado pelo afeto, e todo cuidado dedicado à criança, em seus primeiros anos, passa, por assim dizer, por esse contato real e verbal que é a relação dos pais com os filhos.

---

<sup>9</sup> [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)